

A “ERA DOURADA” BRASILEIRA, A EMERGÊNCIA DA JUVENTUDE E OS CONFLITOS DE GERAÇÃO

Lídia Noemia Santos*

RESUMO

Esse artigo tem por objetivo refletir sobre a emergência da juventude no Brasil a partir do Segundo Pós-Guerra e a possibilidade de analisar o processo de mudança cultural que caracteriza a época sob a ótica dos conflitos de geração. O texto busca também contribuir com os estudos de História e Sociologia que tematizam os movimentos de juventude e a suas contribuições para compreensão da História Contemporânea mundial e brasileira.

Palavras-chave: Cultura; Juventude; Conflito de geração.

ABSTRACT

This article has the purpose to reflect on the emergence of youth in Brazil from the Second Post-War and the possibility to analyze the process of cultural change which characterizes the time from the perspective of conflict generation. The text also seeks to contribute to studies of History and Sociology thematizing youth movements and their contributions to understanding the world and Brazilian Contemporary History.

Keywords: Culture; Youth; Conflict generation.

* Doutora em História pela PUC-SP. Docente do curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC/UECE), Quixadá-CE.

1.1) A juventude como protagonista do século XX

Para se definir, hoje, alguém como jovem, as periodizações legais parecem importar cada vez menos²: deve-se pautar por critérios diversos, como idade etária, condição civil, aparência física, imaturidade intelectual ou psicológica, papel desempenhado na sociedade ou, mesmo, autodenominação, todos válidos para o reconhecimento do que é ser jovem. Portanto, jovens são todos aqueles que se convenciona chamar assim ou os quais se reconhecem dessa forma. Observa-se não somente uma ampliação do tempo da juventude, mas também uma busca pela manutenção da imagem, da atitude e da condição (social, psicológica, intelectual) jovial. “Ser jovem” é um valor positivo, pois denota uma predisposição dos sujeitos a aceitar a mudança num mundo cada vez mais veloz, tecnológico e, sobretudo, hedonista. Aqueles que rejeitam ou não se esforçam para manter e alargar a juventude são negligentes (com a saúde – corpo e mente), ultrapassados (desconhecem a necessidade de se adotar o novo), inadaptados (apresentam, por exemplo, dificuldades no manuseio de tecnologias), etc. É como se “ser jovem” se sobrepusesse ao indivíduo e não fosse, inversamente, uma produção do próprio sujeito e da sociedade em que vive. Portanto, a juventude, seja como convenção cronológica, categoria ou valor social, é quase naturalizada.

Muitos historiadores apontam, entretanto, que a juventude, como categoria e valor social, é uma invenção relativamente recente, somente consolidada nas últimas décadas do século XX. Afinal, se as transformações biológicas que o corpo sofre ao longo dos anos são inerentes à existência humana, os modos como cada época, grupo e lugar significam essas transformações é, essencialmente, histórico-cultural.

Philippe Ariès³ argumenta que, durante a Idade Média, as “idades da vida” (infância-puerilidade, juventude e velhice-senilidade) eram reconhecidas por terminologia essencialmente abstrata e erudita, sendo empregadas em estudos da biologia humana. Nessa época, a adolescência era desconhecida, não havendo uma demarcação nítida entre infância e

² Existem variados recortes etários para estabelecer uma faixa da população como “jovem”. A Saúde OMS e a UNESCO adotam o recorte de 15 a 24 anos. Tal recorte foi convencionado em 1964, na Conferência de Grenoble, baseando-se em dois limites: a) idade mínima para adentrar no mercado de trabalho; b) expectativa para a conclusão da escolarização formal. Porém, mais recentemente, alguns países, incluindo o Brasil, através da SNJ e do CONJUV, adotaram um recorte mais extenso: 15 a 29 anos (ALMEIDA; SZWAKO, 2009). Já a adolescência é reconhecida, tanto por órgãos internacionais como pelo governo brasileiro, como perfazendo o intervalo entre os 12 e os 18 anos. A lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, criou o ECA, legislação para menores de idade em vigor no Brasil.

³ ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ªed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

juventude. Ao longo do tempo, essas noções passaram do domínio da ciência para o da experiência comum, familiar. Entre os séculos XIV e XVIII, ocorreu uma popularização dos conceitos sobre as “idades da vida”, constatada pelo autor mediante as iconografias profanas europeias. A leitura das imagens indica a existência, até então, de cinco idades da vida: a dos brinquedos, a da escola, a do amor/esportes/festas, a da guerra/cavalaria e a dos sedentários (homens das leis, das ciências, da sabedoria). “As idades da vida não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais; sabemos que havia homens da lei muito jovens, mas, consoante à imagem popular, o estudo era ocupação dos velhos.”⁴.

A modernidade e o estabelecimento dos princípios de cidadania trouxeram uma cronologização da vida humana, substituindo as “idades da vida” por “faixas etárias”. Mais definidas, as faixas consideram características biológicas, psicológicas e sociais dos indivíduos.

A infância foi a primeira faixa a ganhar contornos próprios, de modo a resguardar para determinado grupo um tratamento diferenciado. Segundo Peter N. Stearns⁵, a infância moderna surgiu no Ocidente, entre os séculos XVII e XIX, carreando três mudanças pontuais em relação à forma como as crianças eram compreendidas anteriormente. Primeiro, passou-se a priorizar na sua formação a escolaridade e não o trabalho, tornando-as (e depois os adolescentes) passivos economicamente. Diante disso, foi estimulada a redução do número de filhos para minimizar os gastos com seus cuidados. Por fim, investiu-se na redução das taxas de mortalidade infantil.

Já a juventude é uma criação da segunda metade do século XIX e das primeiras décadas do século XX, pautada, inicialmente, na convicção de que era necessário alargar a formação escolar, ética e moral dos indivíduos antes de seu definitivo ingresso no mundo adulto e do trabalho⁶. Luís Antônio Groppo⁷ afirma a existência de uma “Era da Adolescência” na contemporaneidade, pois na virada do século XIX e XX houvera uma “explosão” de projetos que constituíram “o solo, base, cimento ou fundamento social”⁸ para a invenção da juventude. Organizações de caridade, instituições filantrópicas e estatais,

⁴ Idem, p. 40.

⁵ STREANS, Peter N. *A infância*. São Paulo: Contexto: 2006.

⁶ Cf. SAVAGE, Jon. *A criação da juventude*. Como o conceito de teenager revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

⁷ GROppo, Luís Antônio. *Uma onda mundial de revoltas*. Movimentos estudantis nos anos de 1960. Tese de doutorado em Sociologia. São Paulo: UNICAMP, 2000.

⁸ Idem, p. 10.

legislações, tribunais, polícias, partidos políticos, movimentos sociais, artísticos e as ciências (médicas, humanas, jurídicas) criaram e legitimaram a juventude. Vale ressaltar, porém, que os próprios jovens participaram desse processo, reinventando a juventude no seu cotidiano, constantemente.

Com a constituição do Estado Moderno, formulou-se e se alargou o atendimento às crianças e aos jovens. As escolas destacaram-se num primeiro momento, pois estenderam o período de “adolescência” e ampliaram o atendimento às classes menos abastadas (pequeno-burgueses, proletários e camponeses). Posteriormente, orfanatos, instituições para menores infratores, juizados e conselhos especiais surgiram para responder às falhas dos pais e do próprio Estado na formação dos jovens⁹. A legislação garantiu a legalidade das divisões etárias, na medida em que se as utilizava para diferenciar o acesso dos cidadãos aos bens públicos. Aos que se encontram na infância, adolescência ou juventude são reservados direitos e deveres particulares, que presumem, de acordo com a situação etária, as possibilidades de estudar, trabalhar, casar (direitos civis); comprar e vender (direitos de propriedade); votar e ser eleito (direitos políticos); ser julgado e penalizado (direitos penais), etc¹⁰.

Na criação da ideia de juventude, ao longo dos séculos XIX e XX, tiveram, ainda, participação destacada: movimentos e partidos políticos diversos, constituindo segmentos especiais que contemplavam o público juvenil, por exemplo, a Juventude Hitlerista (ALE) e o *Konsomol* (URSS); os meios de comunicação de massa/indústria cultural, por meio da formação de mercado consumidor juvenil, de que dão exemplo a propagação do modo de vida do *teenager* americano e todos os seus produtos agregados (PASSERINI, 1996); a Igreja, através, por exemplo, da Ação Católica, extremamente presente no Brasil, que reunia estudantes universitários (JUC), jovens camponeses (JAC), jovens operários (JOC) e a juventude mais abastada (JIC) da Juventude Estudantil Católica (JEC) com o objetivo de ampliar e fortalecer o catolicismo entre as novas gerações, combater o comunismo e discutir problemas sociais e morais da sociedade contemporânea; as ciências sociais, médicas e jurídicas, por intermédio de literatura vasta em torno das definições de juventude, inaugurada pela obra *Adolescence* (1904) de Stanley Hall, convencionalmente aceita como a primeira a

⁹ Idem.

¹⁰ Mais recentemente, os idosos também passaram a ser detentores de legislação especial. No Brasil, a lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, estabeleceu a criação do Estatuto do Idoso no país.

defender a importância dessa etapa da vida na definição do caráter do indivíduo; e, por fim, as artes, sejam as mais comerciais ou as de vanguarda, na formação e propagação de ideias novas incorporadas e associadas ao “espírito jovem”, como a *Pop art*¹¹.

Para Eric Hobsbawm¹², uma das mais importantes revoluções ocorridas no século XX foi a da juventude, haja vista que o jovem passou a ser o centro das sociedades. O fenômeno da juventude pode ser simbolizado pelo “herói, cuja vida e juventude acabam juntas”¹³, representado, primeiramente, pelo astro James Dean, na década de 1950. Ou seja, a juventude é tão valorizada a partir de então, que se torna o auge da existência humana, ponderando-se se vale mais vivê-la intensamente, ao custo da própria vida, do que apegar-se a modelos seguros (tradicionais) de participação juvenil, não usufruindo plenamente. Segundo o autor, até 1970, o mundo era governado por uma gerontocracia masculina, líderes com menos de 40 anos de idade sendo uma raridade. Daí o espanto causado quando Fidel Castro, aos 32 anos, assumiu o poder em Cuba. Com o passar dos anos, essa condição foi se invertendo, havendo um juvenescimento da sociedade¹⁴.

Com o surgimento de uma cultura juvenil, inverteu-se o papel das gerações. No que se refere ao mundo tecnológico, por exemplo, “o que os filhos podiam aprender com os pais tornou-se menos óbvio do que o que os pais não sabiam e os filhos sim”¹⁵. Além disso, os jovens, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, promoveram intensas mudanças na cultura e nas relações em sociedade. As modificações no modo de as pessoas falarem, vestirem-se, dançarem, alimentarem-se, fazerem sexo, mas, sobretudo, nas estruturas familiares, escolares, políticas e econômicas foram promovidas, substancialmente, por enfrentamentos e gritos juvenis.

Jon Savage, na obra *A criação da juventude*, descreve esse processo até o ano de 1945, quando o adolescente triunfa e consagra seu lugar na sociedade ocidental. Já Eric Hobsbawm considera que a década de 1970 seja a catalisadora do processo de soberania juvenil. Tony Judt é mais contundente, apontando o ano de 1957 como o marco da criação da juventude, tomando por base a capacidade de consumo da geração *baby-boom*:

¹¹ Outra obra apontada como marco da invenção da adolescência é o romance *O apanhador do campo de centeio*, de Jerome David Salinger, publicado em 1951.

¹² HOBBSAWM. Eric. *Era dos extremos*. O breve século XX (1914-1991). 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹³ Idem, 318.

¹⁴ Idem, 319.

¹⁵ Idem, 319.

Por volta de 1957, pela primeira vez na história da Europa, os próprios jovens começaram a comprar. Até então, a juventude sequer existia enquanto grupo separado de consumidores. Na realidade, a “juventude” sequer existia. Em famílias e comunidades tradicionais, crianças permaneciam crianças até deixarem a escola e entrarem no mercado de trabalho, momento em que se tornavam jovens adultos. A nova categoria, intermediária, “adolescente”, na qual uma geração não foi definida por *status*, mas por idade – nem criança nem adulto –, não tinha precedente. E a noção de que tais indivíduos – adolescentes – pudessem constituir um grupo separado de consumidores seria impensável poucos anos antes¹⁶.

Se não há juventude sem história, porque ela não existe por si mesma, e só é possível de ser compreendida como produção social, delimitada por fatores temporais, espaciais e culturais, não parece ousado ponderar que não há história contemporânea sem a juventude, pois sua invenção e os seus movimentos nas últimas décadas moveram tudo que é “novo” no mundo do segundo pós-guerra.

1.2) A Era Dourada no Brasil e emergência da juventude.

No Brasil, a participação juvenil na sociedade se consolidou entre os anos de 1950 e 1960, não diferindo muito do que ocorreu em outros lugares. É nesse momento que o processo de internacionalização da cultura intensifica-se e há a expansão da cultura de massa e das novas mídias e tecnologias. Em paralelo, outras mudanças econômicas, políticas e sociais estavam ocorrendo no país, como o crescimento das cidades, industrialização de alguns setores da economia, além de um projeto de redemocratização do estado, abortado em 1964 com o Golpe Militar.

A ascensão da juventude, a partir da década de 1950, inseria-se no conjunto de mudanças decorrentes da chamada “Era Dourada”¹⁷ do capitalismo, na contemporaneidade. Nos seus anos de ouro, o Brasil passava por um processo de redemocratização, sua indústria retomava o crescimento e sua população, atrás de novas oportunidades de educação e

¹⁶ JUDT, Tony. *Pós-Guerra: uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 141.

¹⁷ Definição de Eric Hobsbawm para os 30 anos subsequentes ao fim da Segunda Guerra Mundial, em que vários países, dentro e fora da “cortina de ferro”, desenvolvidos ou de “terceiro mundo”, atingiram altas taxas de crescimento econômico. A prosperidade econômica, aliada ao crescimento da indústria e o progresso tecnológico, teve efeitos diretos no modo das pessoas viverem. A rigor a Era Dourada brasileira coincide com a tentativa de redemocratização política ocorrida entre a Ditadura Vargasista e Militar. HOBASBAWM, Eric. *Era dos Extremos*. op. cit.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

emprego, migrava das zonas rurais para as urbanas e do nordeste para o sudeste, intensificando o processo de metropolização de algumas cidades, sobretudo as capitais.

Na vida cotidiana, o *american way of life* era o modelo de vida a ser alcançado. A aquisição dos produtos industrializados (de comida enlatada a geladeiras e aspiradores de pó), disponíveis fartamente para alguns poucos, abria as portas para a vida moderna. Também dos Estados Unidos chegavam ideais como a valorização da prosperidade, a confiança no futuro e, especialmente, a juventude como um valor positivo, que sinalizava para o vigor, entusiasmo e poder do espírito e do corpo, compatíveis com os novos tempos¹⁸.

Os bossa-novistas misturavam o bolero e o samba com o *jazz*, os tropicalistas misturavam ritmos nacionais como *rock* e palavras da língua inglesa, como *playboy*, *baby*, *party*, *teen*, *sandwich* e *picnic*, passavam a fazer parte do vocabulário tupiniquim. A propósito, Nicolai Sevcenko relata o conteúdo do poema “História passional, Hollywood Califórnia”, de Vinícius de Moraes:

O jeito de sentar, de dirigir o carro, de acender o cigarro, de olhar a moça de lado, de namorar ao pôr-do-sol, de segurar um copo, de implicar com a moça, de ser esnobado por ela, de comer *fast-food*, de se dirigir ao garçom, as roupas que ela veste, o jogo de boliche, o meio sorriso sarcástico, a mudança repentina de humor, o truque de acender o isqueiro num golpe só, tudo vem da tela do cinema¹⁹.

A relação do brasileiro médio com a cultura norte-americana se expressava tanto na produção artística quanto nos hábitos culturais mais corriqueiros.

Denise Bernuzzi Sant’Anna²⁰ observa que no Brasil, também a partir da segunda metade dos anos de 1950, os meios de comunicação de massa expressavam o desejo modernizador e rejuvenescedor da sociedade, simbolizado, por exemplo, pela eleição de JK. A publicidade e a ampliação da oferta de novos produtos estimulavam a individualidade e a associação entre consumo e felicidade.

¹⁸ Cf. TOTA, Antônio Pedro. *Os americanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹⁹ SEVCENKO, Nicolai. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando (coord.); SEVCENKO, Nicolai (org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 600.

²⁰ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. Consumir é ser feliz. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; CASTILHO, Kathia. *Corpo e Moda*. Por uma comparação contemporânea. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2008.

Os jovens, portanto, foram aqueles que mais rápido identificaram-se com os “novos tempos” e seduziram-se pelas referências da cultura norte-americana no Brasil. A presença cada vez mais presente e atuante dos jovens no cenário social era por si própria, outro elemento que indicava o processo de mudança cultural observado a época. O influente e polêmico ministro do Supremo Tribunal Federal Nelson Hungria provocava ao dizer que o a sociedade brasileira ansiava tanto por confirmar a chegada da “modernidade”, que, de certo modo, orgulhava-se ao constatar que problemas típicos de outras nações, já se faziam notar em terras tupiniquins. Ele referia-se, especialmente, a presença de uma “juventude transviada” no Brasil²¹.

“Juventude transviada” é a expressão adotada no Brasil para referenciar um tipo de comportamento juvenil, visto como transgressor e delinquente presente em vários países do mundo, durante as décadas de 50 e 60 do século XX.

Os “transviados”, segundo a imprensa brasileira dos anos 50 e 60, agiam em várias cidades do território nacional, sendo responsáveis pelo aumento da violência urbana, por cometerem desde pequenas contravenções penais a crimes hediondos. As principais ocorrências remetiam a brigas de ruas, corridas de carros (por vezes, resultando em acidentes), pequenos furtos ou roubos, confusões causadas por embriaguez, depredações do patrimônio público, bebedeiras, uso de entorpecentes (especialmente maconha), assassinatos, crimes de sedução e estupro. Além da prática da violência, o “transvio” simbolizava o “novo” representado pela adoção da cultura norte-americana, via consumo de produtos culturais (escutar o “*rock and roll*”; ler *comics*²², *fotonovelas* e literatura *beat*²³; assistir a filmes de Hollywood), que impactava na moda (roupas, cortes de cabelo, etc.), nos comportamentos (gestos, linguagem, etc.) e visões de mundo (anseio por liberdade, hedonismo, etc.).

²¹ CRÍTICAS ao sistema reformatório do país. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 31 ago. 1958, p. 12

²² Revistas em quadrinhos.

²³ O movimento poético e literário conhecido como *beat* surgiu no início dos anos 50, tendo bastante repercussão na sociedade americana e europeia. Caracterizava-se por rejeitar valores burgueses e estimular a adoção de uma vida menos regrada e mais cheia de emoções, proporcionada pelo sexo, drogas, festas e viagens sem destino. Allan Ginsberg, Jack Kerouac e William Burroughs foram alguns dos seus autores mais famosos. Os *beatniks* – expressão surgida com a junção de *beat* com *nik* (alusão ao satélite soviético Sputnik), com intuito depreciativo, indicativo de uma suposta simpatia do movimento às ideias socialistas – influenciaram os movimentos de contracultura dos anos de 1960. No Brasil, suas influências foram indiretas e limitadas porque a principal obra do movimento, *Pé na Estrada* (concluída em 1951, publicada nos EUA em 1957), somente foi traduzida e publicada em 1980. (CARMO, 2003).

Desse modo, ainda que de modo controverso, os “transviados” foram o primeiro grupo do segundo pós-guerra que promoveu o afrouxamento da autoridade da instituição familiar e escolar, a liberalização dos corpos e do desejo sexual e, mesmo, o tão propagandeado direito à diferença, posteriormente apropriado por ideologias revolucionárias. Diferença não de posições políticas (inclusive as que envolviam utopias de transformação do mundo), mas no modo de gerir a própria vida cotidianamente.

O estranhamento com as novidades estéticas e comportamentais da juventude, especialmente com a recorrência de delitos e crimes associados ao “transvio”, teve repercussão nos meios de comunicação, nos lares, nas universidades, nas instituições (principalmente as de contenção e punição da criminalidade) e, até, no Congresso Nacional brasileiro. Todos os setores da sociedade, a seu modo, exploraram a presença dos “transviados”: jornais e revistas atraíram leitores com suas matérias; políticos prometeram acabar com a “juventude transviada” em campanhas; acadêmicos (juristas, psicólogos, sociólogos, médicos) construíram carreiras com a promessa de entender e solucionar o problema do “transvio”; entre outras inúmeras apropriações (isoladas ou coletivas, organizadas ou não) desse objeto²⁴.

Portanto, a presença de um novo tipo de jovem e as transformações estéticas e comportamentais que propunham são um meio precioso para se analisar a “Era Dourada” no Brasil. Além disso, é importante destacar que nesse período, um conflito de gerações se anunciava e, como veremos no tópico seguinte, os mais novos e os mais velhos precisaram negociar os seus domínios.

1.3) Conflito de gerações: novas referências de jovialidade e adultidade.

Segundo o antropólogo italiano Massimo Canevacci, a “escola, mídia e metrópole constituem os eixos que suportam a constituição moderna do jovem como categoria social”²⁵. Dessa incubadora nascem culturas juvenis que se integram à sociedade e a corroem de modo

²⁴ Os discursos jornalísticos, médicos, jurídicos e sociológicos são objeto de estudo na minha tese de doutorado em História. SANTOS, Lídia. “A invenção da juventude transviada no Brasil (1950-1970)”. São Paulo: PUC, 2013.

²⁵ CAVENACCI, Massimo. *Culturas extremas. Mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 22.

oscilante, mas irreversível. Não é por acaso que a indústria (de informação, cultural e de bens de consumo) da época passe a produzir para públicos segmentados – o juvenil ocupando, paulatinamente, lugar de destaque. A indústria cultural, por exemplo, inunda o mercado com filmes com temática adolescente e discos de *rock and roll*. O jovem passa a ser o sujeito que *consume* na sociedade *de consumo*.

O hiato entre o fim da infância e a entrada no mercado de trabalho (tempo da juventude) passa a ser também, na contemporaneidade, o intervalo privilegiado para o exercício invejado da danação, do hedonismo, da experimentação e da irresponsabilidade. Enquanto o adulto assume o ônus da *produção*, o jovem, que detém condições financeiras favoráveis, *consume* prazer e superficialidade. Esse deleite de gozar a vida sem as amarras dos compromissos com o trabalho, com o casamento e com os filhos provoca ressentimentos e apreensões nos mais velhos (adultos), ocasionando tensões e disputas de espaços e de poder. Essas disputas, porém, não são necessariamente entre “jovens” e “velhos”, mas entre um conjunto de ideias e comportamentos identificado como “moderno” (jovem) e outro identificado como “tradicional” (velho). O chamado “conflito de gerações” ganha contornos e motivações novas, de acordo com as épocas

Massimo Canevacci sustenta também que, no contexto atual, de culturas “fragmentadas, híbridas e transculturais”, comunicação em massa e consumo desenfreado, o conceito de “jovem” se dilatou, as definições geracionais já não sendo mais possíveis, por falta de clareza. A juventude teria se tornado “não terminável”, aposentando-se a definição dos indivíduos por faixas etárias:

Elemento característico da contemporaneidade é a extrema incerteza, a imprecisão, a instabilidade em definir a percepção de si e do outro sobre o “ser jovem”. A passagem da juventude ao mundo dos adultos tornou-se algo indeciso, uma espécie de zona cinzenta e lenta que se pode atravessar ou dilatar pelo sujeito. Os motivos para essa dilatação juvenil são múltiplos. Como o eu: *multiple self*²⁶.

Nos anos 50 e 60, parecia coexistir, com mais clareza e definição, duas gerações, que simbolizavam mundos tão distintos quanto estranhos: uma, anterior à Segunda Guerra Mundial; outra, posterior a ela. Um mundo de desalento, dificuldades e insensatez, que

²⁶ CAVENACCI, Massimo. *Culturas extremas*. Mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 29.

envolveu os homens nos dois maiores conflitos bélicos até então, *versus* um mundo de esperanças, de oportunidades e de otimismo, convivendo com a prosperidade econômica, social e política, mas moralmente em crise quando se trata de conduzir a humanidade para longe de uma, possivelmente final, terceira guerra. São imaginários estereotipados, compartilhados, todavia, por muitos na época, ainda que os episódios relacionados à guerra fria, vez por outra, provocassem algumas dúvidas, resultando em descrença. Julgo, portanto, que cabe falar em gerações em alguns períodos mais longínquos em relação ao presente: onde elas pareciam mais substanciais e marcadas nas suas diferenças, se comparadas aos dias de hoje. Essa pertinência se acentua quando constatamos, por exemplo, que a juventude, especialmente a adolescência, ainda era claramente discutida no que toca à sua legitimidade de existir e ao direito de seus membros participarem mais ativamente dos destinos políticos, econômicos, sociais e culturais.

Pierre Bourdieu²⁷ ao analisar o “conflito de gerações”, argumenta que adentrar na velhice representa declínio social, que leva à perda de poder, por isso alguns velhos se ressentem e passam a ser contra tudo que muda, se move ou é novo, representado pela ascensão dos mais jovens. Há, ainda, discordância de aspirações das sucessivas gerações. A distribuição e a oportunidade de acesso aos bens, por exemplo, tornaram-se extremamente distintas entre pais e filhos. Como exemplo, o autor cita o acesso ao automóvel, que, para gerações mais antigas, era extremamente difícil, representando uma aquisição econômica invejável e extraordinária, mas que se tornou banal para gerações mais recentes. Por isso, muitos conflitos de gerações se dão por “conflitos entre sistemas de aspirações constituídos em épocas diferentes”²⁸.

O “conflito de gerações”, nos anos de 1950 e 1960, torna-se mais facilmente perceptivo, observando-se o estranhamento não apenas da presença de uma “nova” juventude, mas, notadamente, dos seus expoentes mais extremos, reconhecidos como “transviados” (um grupo minoritário, eminentemente masculino e de classe média) na demarcação da diferença. As aspirações são constituídas para esses jovens a partir de uma sensação de ganho de liberdade (proporcionada, por exemplo, pelo acesso aos bens da sociedade de consumo) e de reconhecimento que as gerações anteriores desconheciam.

²⁷ BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

²⁸ Idem, p. 7.

Os transviados são mais extremos no desejo de serem reconhecidos como singulares, inclusive recorrendo a ações de violência para demarcar sua diferença e poder. Mas nem sempre essa demarcação se dava pela contestação a normas e a valores vigentes, recorrendo-se, muitas vezes, a práticas e a representações muito anteriores. Por exemplo, no momento em que rapazes associados ao “transvio” atacavam mulheres em situação vulnerável, recorriam a “direitos” (práticas) machistas já tradicionalmente conhecidos (ainda que discutíveis). Setores da sociedade reagiam, contudo, de forma desproporcional, por meio de iniciativas de defesa e medidas de controle que estigmatizavam toda uma geração, com base, apenas, na ação de seus expoentes mais controversos.

O desconforto com a presença dos jovens me parece notório, mas também o fascínio que estes simbolizavam. O reconhecimento de que somente os jovens estariam aptos a usufruir de certas novidades tecnológicas, científicas e comportamentais, indisponíveis outrora, era perceptível aos mais velhos.

Em um dos raros artigos em que a “nova” juventude (e “transviada”) é relativizada²⁹ no seu papel de destruidora da boa moral e costumes, a jovem articulista Cybele Pompeu³⁰, que escrevia regularmente uma coluna voltada aos jovens no jornal cearense *O Povo*, atribui a má vontade dos velhos para com os jovens à inveja. A crítica é irônica e jocosa:

[...] Sei muito bem que alguns de vocês não adotaram a franjinha sobre a testa (como é que pode quando é careca?...); não provaram a maravilhosa sensação de uma corrida de lambreta (e o coração? e a pressão alta?) e uma camisa “play-boy” por certo não ficaria muito elegante em respeitáveis barrigas³¹.

Alguns “veneráveis velhinhos”, segundo Cybele Pompeu, eram tão desejosos e fascinados pelo novo (representado pelo corte de cabelo, lambreta e camisa “playboy”) quanto alguns jovens. Entretanto, por não poderem eles próprios assumir algumas referências e

²⁹ Há mudança de percepção sobre a “juventude transviada” entre os anos de 1950 e 1970, assunto abordado no último capítulo. Por ora, basta informar que, quando me refiro a textos que relativizam os males da juventude, especialmente, a “transviada”, reporto-me, majoritariamente, à década de 50.

³⁰ O seu nome de batismo era Cibele Pompeu de Souza Brasil, mas, como outros jornalistas, especialmente colunistas sociais, ela adotava o “Y” no lugar do “I”, possivelmente para demonstrar afinidade com os novos tempos e com a cultura norte-americana. Era graduada em direito e foi membro do Conselho de Educação do Ceará.

³¹ POMPEU, Cybele. Velhice transviada. *O Povo*. Fortaleza, 30 ago. 1968, p. 8.

práticas culturais “americanizadas”, devido à falta de condições físicas para tanto, condenavam e questionavam quem podia fazê-lo (os jovens). Na sequência, a autora afirma que a alcunha de “transviada” é injustamente aplicada apenas à juventude, porque parte dos velhos tem comportamentos igualmente reprováveis, citando, como exemplo, a prática de galantear moças na rua, abusar sexualmente de empregadas (domésticas ou não) e frequentar bares e salões de jogos³².

O artigo é interessante porque ilustra que a quebra de normas pode ser efetuada tanto por jovens, quanto por adultos, a transgressão não se restringindo a um grupo etário. Ainda que, nos anos de 1950 e 1960, se condescendesse, na “cultura nordestina”, patriarcal e machista, com o fato, não era prescrito ao homem casado abusar da proximidade com suas empregadas para requerer encontros sexuais (consentidos ou não) ou constituir dívidas em jogatinas. Os indivíduos, vez por outra, rompem com que é prescrito aos seus papéis sociais. A articulista relembra isso para questionar se, de fato, é justo apontar apenas os jovens como “transviados”. Ela, por provocação, intitula seu artigo de “Velhice transviada”.

Aparentemente, as condenações às transgressões dos jovens são mais facilmente feitas por um motivo básico. Os jovens não detêm completa independência financeira e civil (os menores de 18 anos), encontrando-se sob tutela (legal ou não) dos pais e do Estado, o que facilita a condenação e institui a vigilância de suas ações.

A “juventude transviada” é, por vezes, abordada a partir de elementos emocionais, não sociais. Como a nova onda de delinquência juvenil associada ao “transvio” não se explicava por questões de natureza econômica ou política, somente podia retratar o desprezo que os jovens sentiam pela geração representada por seus pais, fraca, acomodada e medíocre. Nos filmes sobre o “transvio” (sendo o mais famoso deles *Juventude Transviada*³³) é facilmente identificável claramente que a tensão das tramas dos filmes se dava pelas disparidades nas expectativas de duas gerações, quase sempre representadas por pais e filhos (acrescento aluno e professores; puritanismo e hedonismo, etc.). Recorrer ao universo emocional ou aos recônditos da vida privada para visualizar a crise que a sociedade vivenciava com a presença de um novo tipo de juventude era recorrente à época.

³²Idem.

³³ RAY, Nicolas. *Rebel Without a Cause*. EUA: Warner Bros Pictures, 1955.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

Inferir que o “conflito de gerações” se dê apenas por inveja ou vaidade entre jovens e velhos é uma explicação por demais simplista. Há incontáveis razões culturais, sociais e econômicas para essas tensões em determinada época. Entretanto, entende-se o fato de se recorrer ao campo das paixões num momento em que a beleza, juventude e vigor físico se fazem cada vez mais presentes, por meio, principalmente, de anúncios publicitários e produtos culturais (como o cinema), que divulgam o ideal da manutenção da juventude (física e espiritual) por quantos mais anos fosse possível. Por mais que os mais velhos desejem e se esforcem para oferecer um “mundo melhor” aos mais jovens, ressentiram-se, provavelmente, ao ver seu mundo tomado por novos protagonistas que, por vezes, impõem-se pela arrogância de quem tem o poder sobre o futuro.

Para uma articulista de jornal, que busca certamente a compreensão e o riso fácil de seus leitores, reduzir o “conflito de gerações” a rixas cotidianas e ao campo sentimental tem sua funcionalidade. Esse tipo de argumentação, contudo, não deixa de ser um indicativo das tensões entre as gerações àquele momento.

O reconhecimento da transgressão, quando vista a partir de um “conflito de gerações”, efetua-se no embate entre dois grupos com formações culturais (e, por consequência, também morais) estranhas. Tanto os mais velhos, por vezes, definem o novo como uma transgressão, como os mais jovens rechaçam o que julgam não ser mais cabível, ainda que pertencente a uma tradição cultural.

Há, a meu ver, uma disputa de domínios entre jovens e adultos. Os jovens detêm o domínio da “mudança” e os adultos o da “ordem”. Os adultos negociam com os mais jovens de modo a manter seu “domínio”, sem impedir a renovação social. O processo de reconhecimento da juventude passava, portanto, por uma seleção de quais modelos de juventude seriam aceitáveis e quais seriam repelidos, quais reivindicações de renovação dos comportamentos e das ideias eram mais facilmente apreendidas ou não. Os jovens, por vezes, buscam romper com essas demarcações de domínio, outras vezes, fazem uso delas para garantir alguns “privilégios” concedidos a esse grupo etário.

Nessa disputa, os jovens também têm suas armas, usadas para impedir os mais velhos de invadir seus domínios. Cybele Pompeu novamente nos ajuda a ilustrar esse artifício, ao descrever como um grupo reagiu ao se deparar com um “velhote” que se comportava como se jovem fosse, algo percebido como descabido e ridículo. Os jovens quebram alguns

paradigmas, mas receiam que os adultos o façam, por representar ameaça a um privilégio, a algo que só eles podem gozar:

Outro dia numa quermesse cá por perto, as atenções se voltaram para um velhote estranho que fazia sua chegada triunfal montando uma lambreta devidamente fantasiado de óculos pra sol, camisa “play-boy” e “blue jeans”. Chamou a um canto um dos rapazinhos, mas deixou que sua pergunta “discreta” fosse ouvida pelo resto da turma: – Escuta cá, oh rapaz, por aqui dá muita mulher? A vaia não tardou³⁴.

Segundo o historiador Nicolai Sevchenko, na *belle époque* brasileira, os jovens da emergente elite burguesa faziam uso de produtos (creme para tornar o cabelo grisalho, tônicos para engordar, pasta para amarelar os dentes, etc.), roupas e acessórios (casacos, cartolas, bengalas, charutos, etc.) que propiciassem uma aparência de “mais idade”, garantindo, assim, maior aceitação e respeitabilidade social. Nos dias atuais, a busca é inversa: todos os artifícios (cosméticos, médicos, estéticos, físicos) respondem ao desejo de perpetuar ao máximo a aparência jovial.

Foge à pretensão deste artigo, mas caberia uma análise mais aprimorada do universo dos adultos, no sentido de perceber como essas imposições pela jovialidade (e a reversa desvalorização da maturidade) produziram novas pressões estéticas, comportamentais, sentimentais e de experiência social. O olhar, por vezes, preconceituoso e censurador dirigido à juventude, como denunciado por Cybele Pompeu, revela, de algum modo, a pressão sofrida pelos adultos e sua progressiva inferioridade diante dos jovens. Os jovens já não aceitariam, facilmente, a hierarquia imposta pela família, pela escola e pelo governo. A reação foi a estigmatização da juventude.

De todo modo, as constatações sobre o valor da velhice na *belle époque* e da supremacia da juventude na contemporaneidade indicam que, num dado intervalo de tempo da nossa história, ocorreu uma transferência de positividade da maturidade para a jovialidade, permeada de conflitos.

³⁴ POMPEU, Cybele. Op. cit.

1.4) Considerações Finais

Pierre Bourdieu³⁵ argumenta que os indivíduos são sempre novos ou velhos diante de outros. Acrescento que a juventude precisa também ser assumida, e isso nem sempre se dá apenas por vontade, mas é uma possibilidade restrita a alguns (para Pierre Bourdieu, um privilégio de classe). Dependendo das roupas usadas, do modo como se fala e gesticula, das ideias que defende, um mesmo indivíduo pode se apresentar como mais jovem ou mais velho diante dos outros. Nos anos de 1950, após um tempo de conflitos, onde tantas vidas foram perdidas, a autoridade das instituições parecia cada vez mais contestável, possibilitando aos indivíduos, incluindo os jovens, discutirem o lugar da família, da escola e do estado. Além disso, ampliaram-se as possibilidades de os jovens se diferenciarem dos mais velhos, porque uma indústria de produtos e bens culturais passou a especializar a produção para públicos etários diferentes. Já não parecia fazer, portanto, qualquer sentido tratar os jovens como adultos incompletos. Eles eram apenas jovens. Identidade que passava a ser autorreconhecida pelos jovens e aceita pela comunidade.

A juventude – e, especialmente, a adolescência – adquiria uma série de símbolos que a diferenciavam de outros estágios da vida. O adolescente estava ainda relacionado ao mundo da escola, mas, diferentemente das crianças, passava a ter direito a uma vida social relativamente independente (mesmo que tutelada), associada ao lazer urbano (por vezes, noturno), como a frequência a bailes, passeios e *picnics*, entre inúmeras outras atividades próprias a esse grupo. A juventude assumia, ainda, um sistema cultural próprio, com regras e valores compartilhados quase que exclusivamente por quem pertencia a ela.

Como analisa Maria Regina da Costa, os jovens, na década de 1950, adquirem visibilidade na cena cultural dos centros urbanos³⁶, expondo “novas demandas,

³⁵ BOURDIEU, Pierre. op. cit.

³⁶ Desde a Revolução Francesa, o jovem foi associado à rebeldia e visto como um agente de transformação política e cultural. Porém é na formação dos grandes centros urbanos, a partir das últimas décadas do século XIX, que movimentos juvenis se farão notar. Como exemplo, cito o Movimento Juvenil Alemão (*Jugendbewegung*), uma reação jovem ao mundo urbano, haja vista que os jovens organizavam excursões em direção à zona rural a fim de se “auto educarem”. Houve, ainda, no início do século XX, grupos, como os Apaches, que emergiram dos bairros periféricos franceses e afrontaram o modelo de vida burguesa por meio do banditismo e da reapropriação de referências culturais associadas ao *folclore* e ao popular.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

comportamentos, consumo, bem como um estilo de vida diferente”³⁷. Em sua opinião, a emergência desses jovens (em sua grande maioria provenientes da classe média e da elite, dispondo de recursos para consumir e usufruir do lazer e da diversão) acenava para uma “transformação das subjetividades, nas quais a mediação eletrônica e o trabalho da imaginação passam a ocupar doravante papel extremamente importante”³⁸. Esse fenômeno foi a base para que, nas décadas seguintes, grupos de “*punks*, *carecas*, *skinheads*, *darks*, *metaleiros*, *rappers*, *funkeiros*” pudessem surgir, e, dessa vez, quebrando as barreiras de classe³⁹.

Nos anos de 1950 e 1960, o que, talvez, se diferencie, em relação à percepção que fazemos da juventude hoje, é que o intervalo para sua vivência era muito mais delimitado e as culturas juvenis ainda não eram tão múltiplas e identificáveis por elementos materiais e imateriais que caracterizariam os grupos e o modo de “ser jovem”.

Se os pais haviam sofrido com as inconstâncias de um mundo em guerra e com acesso ainda bastante dificultado ao consumo, os filhos encontravam um mundo mais ajustado (apesar dos temores de novos conflitos, agora entre capitalistas e comunistas e suas permanentes ameaças frias) e um mercado que os convidava a consumir e, o que é melhor, consumir se divertindo. Não é por acaso que surgiu, nesse momento, a expressão “*playboy*” (“garoto que brinca”⁴⁰), para definir um novo estilo de vida, usufruído por poucos e invejado por muitos.

A vivência dessa nova juventude era ainda quase que absolutamente masculina, como constataram Luisa Passerini⁴¹, Cristina Meneguello⁴² e Luis Antônio Groppo⁴³. Na época, as rupturas a certos tabus ainda eram impensáveis para as mulheres, especialmente quando pensamos no consumo de drogas, noites passadas em bares e praças, liberalização do

³⁷ COSTA, Márcia Regina. Culturas juvenis, globalizações e localidades. In: COSTA, Márcia Regina; SILVA, Elisabeth Murilho da (org.). *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: Educ, 2006, p. 17.

³⁸ Idem, p. 17.

³⁹ Idem, p. 17.

⁴⁰ Definição recorrente para identificar os jovens transviados das classes abastadas.

⁴¹ PASSERINI, Luiza. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: A Itália fascista e os Estados Unidos da década de 50. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Caude (org.). *História dos jovens*. v. 2, São Paulo: Cia das Letras, 1996.

⁴² MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de estrelas*. O cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50. Campinas: UNICAMP, 1996.

⁴³ GROPPPO, Luís Antônio. *Juventude*. Ensaios sobre a juventude e históricas das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Diffel, 2000.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

corpo, ou mesmo, numa estética diferenciada (intencionalmente “descuidada” na postura e nos trajes), entre outras mudanças comportamentais associadas.

A magnitude da experiência, nova, de “ser jovem”, provocou uma verdadeira ruptura comportamental, assim como tentativas de freá-la. Ao som do *rock* gritado e dos movimentos frenéticos do corpo nas pistas de dança, a juventude dita “transviada” dos anos 1950 e 1960 contestou a autoridade familiar, a moral sexual e outros padrões de conduta consolidados.

Para finalizar, retifico as palavras do sociólogo Waldenyr Caldas, sobre os movimentos da juventude brasileira no após a Segunda Guerra: “Se não estávamos vivendo uma revolução estrutural mediante a transformação política do Estado (e isso é verdade), era inegável a mudança de hábitos, costumes e comportamentos”⁴⁴.

⁴⁴ CALDAS, Waldenyr. *A cultura da juventude: de 1950 a 1970*. São Paulo: Musa, 2008, p. 43.